

EMPENHADOS NO SERVIÇO DA FRATERNIDADE

PRIMEIRO CONSELHO DAS PROVÍNCIAS

1972 — Madri, Espanha

O Conselho das Províncias, realizado em Madri, Espanha, de 30 de outubro a 6 de novembro de 1972, concentrou a atenção sobre a fraternidade (isto é, o ser Religioso — Irmão antes que Sacerdote) com todas as implicações para dentro da Ordem, da Província e da comunidade, e para fora no relacionamento com outros cristãos e com outros homens. A mensagem deste Conselho das Províncias quer ajudar a dar uma resposta concreta à pergunta: como fazer crescer esta fraternidade, lugar teológico da presença de Deus, seja "ad Intra" seja "ad extra" da Ordem?

Tomaram parte deste Conselho das Províncias: Fr. Falco Thuis, Stefano Possanzini, Fr. Sean Coughlan, Fr. Gandulfus Mesters, Fr. Lau-rens Mooney, Fr. Salvador Rodrigo, Fr. Luis Salazar, Fr. Arcângelo Siciliano, Fr. Valério Hoppenbrouwers, Fr. Alphons Brennan, Fr. Peter Byrth e Fr. Emmanuele Boaga.

Depois da alocução de abertura do Pe. Geral sobre a fraternidade que, segundo a sua experiência, é um tema central na nossa Ordem, unanimemente decidimos comunicar as nossas reflexões e dar a conhecer os resultados, mediante esta breve mensagem dirigida a todos os Confrades.

A discussão iniciou-se com o exame daqueles fatores que, na opinião de todos, põem obstáculo ao crescimento de uma fraternidade efetiva entre nós. Por meio de uma sondagem apurada, foram postas em evidência muitas causas de ordem psicológica, social e religiosa, que resumimos e dividimos em três grandes séries: 1) Causas relacionadas com uma certa imaturidade humana. 2) Causas decorrentes da falta de abertura para a indigência e necessidades dos Confrades e do mundo. 3) Causas derivadas da polarização de idéias e de atitudes.

Não falamos só das causas negativas que põem obstáculo à fraternidade. Buscamos também sugerir remédios e soluções. Estamos certos de não ter produzido um trabalho nem perfeito nem exaustivo. No entanto, temos também consciência de que estamos contribuindo para agilizar a solução dos problemas decorrentes da fraternidade, de modo que esta não seja apenas um belo jogo de palavras, mas antes uma realidade consoladora e estimulante para a edificação do Reino de Cristo.

A. Problemas emocionais em torno da fraternidade

Falamos, primeiro, da instabilidade emocional, da qual decorrem críticas e ciúmes dos outros; da necessidade de segurança que existe em alguns de nós, apoiada numa certa estabilidade; da passagem, no seio da Vida Religiosa e Eclesiástica, advinda nestes últimos anos, de estruturas muito rígidas para outras mais dinâmicas e flexíveis; dos critérios que estão na base de um certo tipo de formação; da falta de participação na responsabilidade, seja em nível local seja em nível provincial. Falamos, igualmente, da imaturidade que se manifesta nas tomadas de posição dogmatistas, como do fechamento a um "aggiornamento" sadio.

Além do mais, é nossa convicção que muitos problemas em nossas comunidades se devem à imaturidade afetiva, a qual constitui um impedimento à verdadeira liberdade da pessoa e ao desenvolvimento de todos os seus talentos. E, como a análise feita por nós estava dentro do contexto da fraternidade, a imaturidade afetiva é um obstáculo a uma vida verdadeiramente fraterna entre pessoas adultas.

A liberdade e o desenvolvimento da pessoa são temas centrais no anúncio da salvação: Cristo é o Salvador, o Libertador das enfermidades e de todo tipo de escravidão. É o homem perfeito sob todos os aspectos, completo em todas as suas qualidades naturais e sobrenaturais e, por isso, é a pessoa mais íntegra, mais madura e mais sã. Uma comunidade, que tem Cristo por fundamento e que n'Ele se inspira, deve ser saudável, humana e feliz, para poder abrir-se em toda a sua plenitude à mensagem evangélica e anunciá-la.

Na vida e no ensinamento de Cristo encontramos o verdadeiro remédio contra os fatores que determinam a imaturidade em nossas comunidades e em nossos irmãos: o desenvolvimento das nossas relações afetivas e emocionais para com os outros é o mandamento da caridade. Só a caridade nos cura, só a caridade promove a verdadeira fraternidade.

Partindo desta reflexão, julgamos oportuno indicar alguns pontos concretos, aptos a viabilizar a solução dos conflitos emocionais em nossas comunidades e Províncias:

1) Gastemos mais com as pessoas do que com os edifícios e outras coisas. Invistamos, portanto, uma maior quantidade de dinheiro para a formação permanente e para a atualização de todos os nossos Confrades, mudando, conseqüentemente, de uma mentalidade estática para uma mentalidade dinâmica. Onde a criação de oportunidades para que todos se desenvolvam e amadureçam.

2) Para a própria vitalidade da Ordem, saibamos colher aquilo que é válido do passado, sejamos sensíveis aos sinais dos tempos e tenhamos uma visão suficientemente clara para o futuro, evitando qualquer forma estática de vida. Neste esforço comum, os jovens dão um contributo específico, porque, crescidos no sentimento vital de hoje, não estão sujeitos à luta interna entre velho e novo.

3) Dado que o interesse e a satisfação no próprio trabalho ajudam muito na solução dos problemas emocionais, oferecemos a todos os Confrades a possibilidade de escolher o próprio estudo e trabalho, em diálogo com os superiores e com os vários grupos, tendo em conta a capacidade da Província. Para favorecer esta promoção e desenvolvimento pessoal, haja um fundo financeiro comum.

4) Muitos problemas emocionais resolvem-se também ao ser fomentado o senso de responsabilidade e de corresponsabilidade. Por isso, todos os nossos Confrades recebam a mais ampla informação e participem de modo adequado do governo, seja em nível de Província, seja de comunidade.

5) Enfim, não nos esqueçamos de que muitos problemas emocionais originam-se e são experimentados no contexto da atual concepção da sexualidade, de que hoje se tornam evidentes também os valores positivos. Semelhante concepção invade também nossa vida; por isso, não surpreende que alguns dos nossos Confrades experimentem dificuldades. Estes, pois, não podem isolar-se da

comunidade nem esta pode marginalizá-los. É sinal de vida comunitária madura prestar a ajuda fraterna para a solução destes casos. O problema sexual pode ser também um apelo para formar amizades maduras e adultas.

B. A justiça como expressão da nossa fraternidade

Além disso, estamos certos de que, para criar e reforçar a fraternidade em nossas comunidades, é muito eficaz a atitude de abertura e de encontro com as carências e as necessidades de nossos irmãos de fora dos muros do convento. Com outras palavras: a sincera preocupação pelo aumento da caridade e pelo crescimento da justiça no mundo. É evidente que a abertura à realidade sofrida dos outros deve começar com o atendimento às necessidades dos nossos irmãos na própria comunidade, na Província e na Ordem. A nossa fraternidade, concretizada assim, não se constitui um gueto, mas antes torna-se testemunho autêntico da caridade e da justiça para com todos os outros.

O Pe. Geral, no início deste nosso encontro, falou do nexos que existe entre justiça e fraternidade. Ele tomou, como ponto de partida, a consideração do lugar de destaque que ocupa no Evangelho esta declaração de Jesus: "Hoje cumpriu-se esta escritura que ouvistes". Lucas narra com estas palavras: "O Espírito do Senhor está sobre mim; enviou-me a anunciar a boa nova aos pobres, aos prisioneiros a libertação, aos cegos a recuperação da vista e a libertar os oprimidos". Esta missão foi profetizada outrora por Isaías.

Se estivermos realmente inspirados nesta missão, à qual o Senhor nos chama, lembrada na profecia de Isaías, nascerão espontaneamente a fraternidade e o diálogo, porque um só escopo nos une e nos guia na imitação dos gestos de Jesus para com os pobres. Isto vale mesmo quando os membros de uma Província realizam trabalhos completamente diferentes.

7) Perguntemo-nos se o nosso sistema de trabalho é um verdadeiro testemunho e prova de justiça: se as opções tomadas neste campo são realmente inspiradas pela necessidade e pelas carências locais e mundiais; com outras palavras se são inspiradas em critérios evangélicos ou em critérios de puro lucro.

8) Um dos meios para promover a fraternidade para dentro da Ordem, como condição necessária para promover a justiça no mundo, é a ajuda recíproca nas comunidades, nas Províncias e entre elas. Não raro devemos considerar as reais condições de vida dos outros, quer dizer, dos nossos Confrades - seja na nossa comunidade ou Província, seja em outras Províncias - para conhecer como vivem e de que meios tem necessidade. Só assim poderemos ajudar-lhes efetivamente, mesmo com a privação de coisas a nós necessárias. "Se um irmão ou uma irmã está nú e com fome, e um de vós disser: 'vá em paz, acalenta-te e nutre-te', sem lhe dar o necessário para o corpo, de que adianta? Assim acontece com a fé: se não tem obras, está morta em si mesma".

C. A polarização das idéias e das atitudes

Um grande obstáculo à fraternidade entre nós provém da polarização das idéias, das atitudes e das próprias atividades. Este fenômeno não se identifica com a simples constatação de idéias, de convicções e de práxis diversas de religiosos de uma comunidade ou Província. De fato, isto faz parte de um sadio pluralismo, que é uma verdadeira riqueza.

São Paulo fala desta riqueza, quando relembra que todos nós temos dons e serviços diferentes, porém todos contribuimos para a edificação do único Corpo de Cristo. Somente no caso em que a caridade em Cristo não seja o fundamento comum e alguém diga a outro: "Eu pertenço a Paulo", e outro: "Eu pertenço a Apolo", e um outro ainda: "Eu pertenço a Cristo", aí é que se deve falar de polarização contrária ao ensinamento evangélico. Toda a nossa vida, portanto, deve desenrolar-se na unidade e na caridade de Cristo Jesus.

O Evangelho nos chama a uma autêntica e frutuosa unidade. A pluriformidade pode ser um fator: "As tensões normais, suscitadas pela diversidade de opiniões e de correntes de pensamentos na busca de uma mesma verdade, encontram o ponto de convergência na pluriformidade, isto é, na abertura ao pluralismo como fator de unidade".

Cada um de nós é chamado por Deus para ser ele mesmo, para desenvolver os próprios dons na unidade fraterna. A pluriformidade, portanto, não se constitui num perigo, mas é um bem: de fato, mediante ela, cada um traz o próprio contributo para o enriquecimento de toda a comunidade.

A polarização, ao contrário, é um mal, porque significa a perda do fundamento comum: a caridade em Cristo; e, por isso, a perda da atitude positiva para com a contribuição do Confrade.

Na atual mudança profunda do conceito de autoridade, um tal fundamento seguramente não pode ser imposto pela própria autoridade, pois que semelhante uso do poder criaria apenas um estado de uniformidade e não de fraternidade. Neste caso, a autoridade pode colocar-se a serviço para fazer encontrar ou reencontrar a base comum. Devemos, por conseguinte, envidar todos os esforços para evitar a polarização e suas conseqüências destrutivas, e para favorecer uma saudável pluriformidade.

Para superar a polarização nas comunidades é absolutamente necessário um paciente diálogo entre todos, tomando-se inspiração nos dois últimos capítulos da Regra, onde se fala do humilde serviço da autoridade, da obediência evangélica e da prudência sobrenatural ou discernimento.

Para a solução destes problemas pensamos que sejam de grande utilidade as seguintes sugestões:

- 1) Não devemos identificar a polarização com o sadio pluralismo. Por isso, eduquemo-nos para a compreensão recíproca ou, ao menos para a tolerância.
- 2) Para prevenir o surgimento da polarização, são muito úteis e necessários, face à nossa realidade humana e religiosa, os meios que constroem o nosso ser comunitário, isto é, o confronto com a Palavra unificante de Deus, a celebração eucarística, a oração e o trabalho feito em comum.

São úteis também os meios sugeridos pela psicologia, como é o caso da orientação competente de pessoas ou grupos, cursos de psicologia religiosa etc.

Além desses, um outro meio eficaz para evitar a polarização é a adequada comunicação. Por isso, são úteis os encontros anuais ou mais frequentes dos religiosos das várias Províncias ou Regiões; a participação do Assistente Geral no Conselho da "Régio" e uma maior frequência dos contatos do mesmo Assistente com cada Província, especialmente por ocasião das reuniões, encontros etc; convite a todos os Provinciais para uma espécie de visita "ad limina" anual, para explicar ao Conselho Geral o estado da Província e os seus problemas; a informação e a comunicação, por meio do CITOC, de experiências e da situação das Províncias, mediante trabalhos monográficos e a abertura de um "fórum".

3) Façamos crescer nas comunidades polarizadas o diálogo entre indivíduos e grupos. Ajamos com perseverante paciência e caridade, buscando construir a unidade fraterna a partir de pontos comuns, e progredindo no desenvolvimento de acordos e convergências. A ajuda de um profissional de fora pode ser útil, especialmente nos casos extremos.

4) Visto que não raro a polarização, é fruto de incompreensão, de erro ou malentendido, ajuda muito para sua eliminação uma maior informação e comunicação em todos os níveis. Da mesma forma uma curada preparação técnica para os encontros, reuniões etc, tem a sua vantagem, enquanto promove uma sadia metodologia do diálogo e a formação de critérios para o julgamento e a avaliação.

5) Muitos dos nossos irmãos perguntam à autoridade da Ordem: até que ponto pode ir a pluriformidade, sem romper a unidade necessária? É muito difícil dar uma resposta concreta. No entanto, devemos dizer que tudo que provoca a alienação entre os grupos e as pessoas certamente não é pluriformidade, mas divisão, na qual valores relativos se tornam absolutos. Pluriformidade, uniformidade, vida comunitária, tudo isto deve ser vivido em relação aos valores da unidade fraterna, cujo fundamento absoluto é a caridade.

Recordemo-nos sempre das palavras de São Paulo: "Se eu tivesse o dom da profecia e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tiver a caridade, nada sou. E se distribuísse, para saciar os pobres, todos os meus bens, se deixasse meu corpo arder no fogo, mas não tivesse a caridade, de nada serviria".